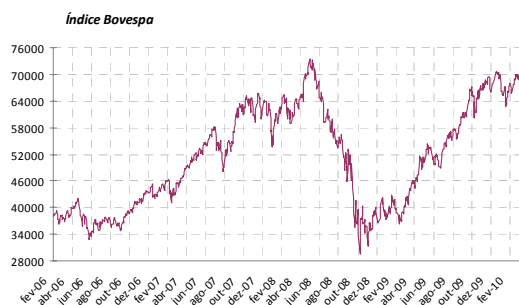
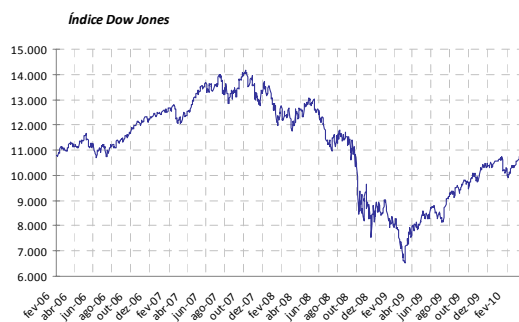


PANORAMA SEMANAL
29/ Março / 2010

Indicadores de Mercado (atualizados até 29/03 10:10)	
R\$ x Dólar	1,8082
R\$ x Euro	2,4325
Dólar x Euro	1,3450
Ibovespa Futuro %	+ 0,56%
Dow Jones Futuro %	+ 0,23%
US Treasury 10	3,862
Petróleo Brent 1 mês	US\$ 80,59

Inflação e Taxa de Juros	
Taxa Selic	8,75%
IPC-S 3º semana mar	0,87%
IPC-Fipe 3º quadri mar	0,44%
IGP-M 2º prévia mar	0,91%
IGP-10 março	1,10%
IPCA-15 março	0,55%



Temas da Semana

Perspectivas da Semana 2

Drivers da Semana 3

Mercado de trabalho e crédito vão sustentar demanda aquecida..... 4

Índices de Inflação e Expectativas Futuras 6

Ata do Copom confirma alta em abril, mas deixa dúvida da magnitude 7

Economia Internacional 9

Calendário Econômico 11

Anexos..... 12

Principais Variáveis Econômicas.. 13

Expectativas Schahin	
IGP-M março	0,93%
Prod. Industrial fev M/M	0,9%
Prod. Industrial fev Y/Y	17,9%
Taxa de Câmbio mar 10	R\$ 1,79
Taxa de Câmbio jun 10	R\$ 1,80
Taxa Selic abril 10	9,25%
Taxa Selic junho 10	9,75%

Mercado Financeiro: Perspectivas da Semana

Tem predominado um cenário de indefinição nos mercados internacionais no período recente. Tal sentimento é refletido no comportamento das bolsas que, a despeito das oscilações diárias, apresentaram variações modestas no acumulado da semana. A Bovespa registrou pequena queda de 0,21%, enquanto o índice S&P500 em NY conseguiu encerrar a semana com ganhos de 0,58%. A ausência de fatores de impulso, tanto para o lado positivo, como para o lado negativo, explica boa parte da apatia dos últimos pregões.

Todavia, os próximos dias podem trazer aspectos suficientemente fortes para romper com esta falta de sinal, em especial os sempre aguardados números do mercado de trabalho norte-americano. Apesar do dado oficial (payroll) sair no feriado de sexta-feira, quando os mercados estarão fechados, a perspectiva de bons números neste mês pode permitir uma tentativa de melhora do ambiente entre os investidores. Após mais de 2 anos de perdas de empregos, março deve ter registrado retorno mais intenso das vagas criadas, embora parte do efeito seja devido às contratações temporárias do governo para a realização do censo.

Os mercados também repercutem, desde sexta, o momentâneo arrefecimento dos temores com a situação da Grécia, após a União Européia concordar com um apoio conjunto com o FMI ao país em caso de urgência. De todo modo, a questão fiscal de diversos países seguirá como uma potencial fonte de preocupação, como visto na última semana com o rebaixamento do rating de Portugal e as constantes ameaças a outros países, como as feitas pela agência S&P ao Reino Unido em relatório divulgado nesta manhã.

Dois novos sinais promissores para a economia global foram anunciados nesta segunda-feira. O índice de confiança econômica da Zona do Euro subiu para o maior nível em quase 2 anos, enquanto as vendas no varejo no Japão cresceram 4,2% em fevereiro (Y/Y), acima das expectativas e maior alta mensal desde março/97. Ou seja, embora de maneira lenta, as nações desenvolvidas seguem na tentativa de emergir da difícil situação recente.

No Brasil, a ata do Copom confirmou a perspectiva de que a Selic subirá em abril, embora tenha deixado dúvidas quanto ao ritmo inicial (50 ou 75 pontos). A inflação tem perdido força vagarosamente, ainda sob forte impacto dos alimentos in-natura e também de preços de serviços. Enquanto isso, o desemprego segue em queda e o crédito em expansão, confirmando o cenário atual positivo da economia do país, mas também evidenciando os riscos de desequilíbrios.

A agenda da semana é bem intensa e deverá condicionar o comportamento dos mercados. Como destaques no Brasil, a produção industrial de fevereiro, a balança comercial e o IGP-M de março. Nos EUA, além dos citados números do mercado de trabalho, diversos indicadores de atividade, como vendas de veículos, ISM industrial e gastos com construção.

Nos mercados, dada a agenda carregada, deve prevalecer a volatilidade, embora o sinal possa parecer mais favorável para os próximos dias, pela expectativa de dados econômicos mais positivos.

Para Ficar Atento – Drivers da Semana

- **Setor Industrial – BRA:** No dia 01 o IBGE anuncia o resultado da produção industrial de fevereiro, que deve ter apresentado bom crescimento na margem (em torno de 1%) pelo segundo mês consecutivo. No dia anterior a FGV divulga a Sondagem da Indústria referente a março, com destaque para o NUCI.
- **Relatório Trimestral de Inflação – BRA:** Nesta terça o BC divulga o relatório do 1º trimestre, que deve confirmar a piora do cenário inflacionário e conseqüente iminência do aumento da Selic que, conforme a ata, será mesmo em abril. Vale atentar para as projeções para o IPCA até o final de 2011 nos cenários apresentados pelo BC.
- **Contas Públicas – BRA:** A recuperação da arrecadação tributária deve ter contribuído com a continuidade da melhora dos resultados fiscais em fevereiro. Dados consolidados tendem a apontar evolução mais favorável do superávit primário e do endividamento líquido no último mês.
- **Balança Comercial – BRA:** A cada semana, taxas de expansão crescentes das importações têm enfraquecido os resultados comerciais, o que deve gerar um pequeno superávit em março – próximo a US\$ 1 bilhão, bem abaixo do registrado no mesmo mês de 2009 (US\$ 1,7 bi). Os números devem melhorar no segundo trimestre, com a safra da soja e o forte aumento do preço do minério de ferro.
- **Mercado de Trabalho – EUA:** Com os mercados fechados pelo feriado do dia 02, serão conhecidos os dados do payroll referentes a março, que enfim devem apontar variação positiva nas contratações líquidas de trabalho. Como as estimativas são muito amplas (entre 100 e 300 mil empregos criados), a divulgação pode causar volatilidade, mas ao menos tende a atenuar as preocupações com o mercado de trabalho no país. Na quarta, o instituto ADP fornece uma prévia dos números.
- **Atividade – EUA:** O índice ISM do setor industrial (dia 01) também será atentamente monitorado, com perspectiva de manter a trajetória de recuperação moderada. Gastos com construção, vendas de veículos e índice de gerentes de Chicago completam a carregada agenda da semana no país.
- **Atividade– China:** Sempre muito aguardado pelos mercados, os índices PMI de atividade industrial da China serão anunciados na noite do dia 31. Em caso de expansão mais forte, os preços de commodities reagirão positivamente.

Mercado de trabalho e crédito vão sustentar demanda aquecida

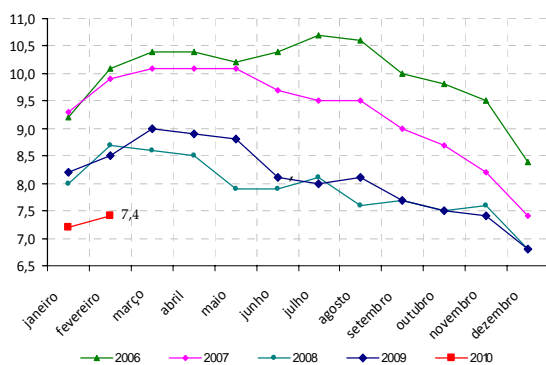
A cada semana se acumulam sinais benignos de vigor da atividade econômica do país. O crédito está retornando com mais força, enquanto a taxa de desemprego tem batido em mínimos históricos. Isto evidencia o surgimento de um novo círculo virtuoso da economia, mas é desejável evitar excessos e potenciais desequilíbrios.

Os dados do mercado de trabalho e do crédito têm confirmado a intensa recuperação da atividade econômica do país, o que deve contribuir para manter o consumo aquecido e incentivar a continuidade do ciclo de investimentos produtivos nos próximos meses.

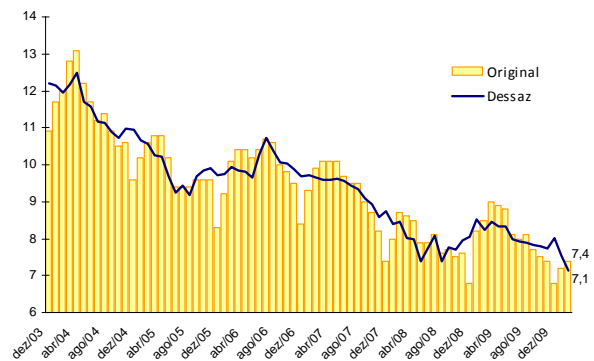
Em fevereiro, a taxa de desocupação ficou em 7,4%, a menor já registrada para este mês na série histórica iniciada em 2003. Apesar da ligeira elevação ante janeiro, reflexo de aspectos sazonais, o número ficou abaixo do esperado e 1,1 ponto percentual inferior ao observado no mesmo mês de 2009. Foi o maior recuo inter-anual da taxa desde outubro/08. Os dados recentes mostram que a dinâmica atual do mercado de trabalho é a mais positiva da série, o que deve levar o desemprego a ter a menor média anual desde o início da pesquisa.

Se considerarmos o dado com ajuste sazonal, o desemprego de fevereiro ficou em 7,1%, o mais baixo de todo o período.

Taxa de Desocupação - IBGE

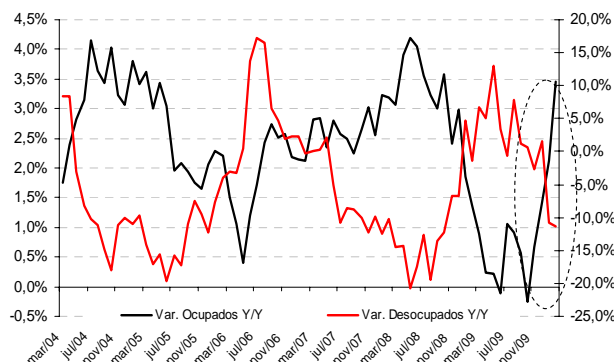


Taxa de Desocupação IBGE - original e dessazonalizada



Esta evolução favorável do mercado de trabalho está refletida também na composição benigna dos dados, que apontam elevação do número de ocupados e queda nos desocupados, mesmo em meio ao aumento da população economicamente ativa. Em outras palavras, a quantidade de empregos gerados nestes últimos 12 meses tem superado a quantidade de pessoas entrando no mercado de trabalho, resultando na diminuição dos desocupados.

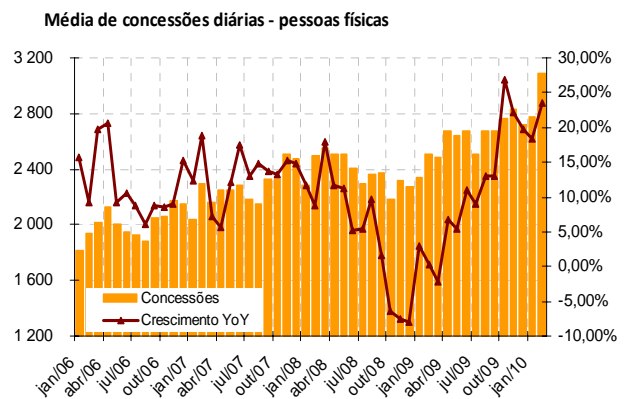
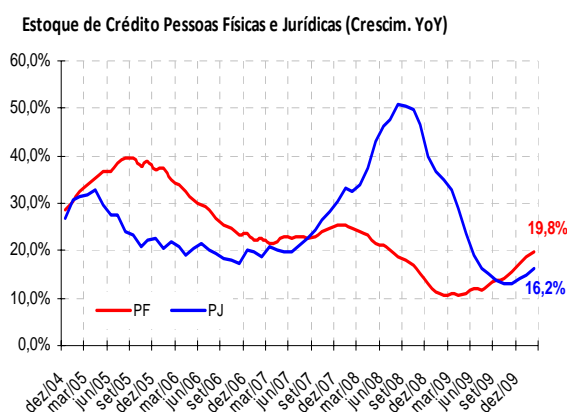
Variação Ocupados / Desocupados - Y/Y



	Ocupados (milhares)	Desocupados (milhares)	PEA (milhares)
Fev/09	20943	1941	22884
Fev/10	21668	1722	23390
Variação	725	-219	506
Var. %	3,5%	-11,3%	2,2%

Adicionalmente ao bom comportamento do emprego, também tem se consolidado o retorno do crédito no país, passado o período de cautela na parte inicial de 2009. Nos últimos meses as novas concessões retomaram o fôlego, possibilitando uma nova fase de aceleração do crescimento dos empréstimos com recursos não direcionados (pessoas físicas e jurídicas).

Em fevereiro, a média diária das concessões de crédito para pessoas físicas teve crescimento de 23,5% ante fev/09, enquanto para pessoas jurídicas houve alta de 8,75% no período – neste caso, o maior ritmo desde set/08. Com isso, os estoques das operações de empréstimo voltaram a crescer com mais intensidade, em 19,8% e 16,2% respectivamente. Também como um sinal positivo da melhora do emprego e da economia como um todo, a inadimplência continua em queda, atingindo 7,2% entre as pessoas físicas e 5,3% no geral.



Neste contexto, é de se esperar que a demanda interna mantenha sua trajetória expansionista, eventualmente em ritmo mais acelerado. O mercado de trabalho aquecido amplia a massa salarial e diminui a preocupação com a perda do emprego, ampliando a intenção de consumo por parte dos trabalhadores. Tal incentivo é acentuado pela crescente disponibilidade de crédito, com taxas de juros nas mínimas históricas. Adicionalmente, este aquecimento do consumo puxa a confiança dos empresários, estimulando a decisão de investir em ampliação da capacidade produtiva – neste caso, também potencializada pela liberação de crédito subsidiado pelo BNDES.

Os resultados do círculo virtuoso apontado acima já se refletem nos indicadores da economia brasileira. Porém, nem todos para o lado positivo: em fevereiro, o déficit da conta corrente alcançou o maior nível histórico para este mês (US\$ 3,2 bilhões), com projeções apontando saldo negativo recorde de US\$ 50 bilhões em 2010. A inflação segue preocupando, o que levará o BC a aumentar a Selic em abril, conforme claramente evidenciado pela ata divulgada na última semana.

Em suma, o momento é muito positivo para a economia do país, com o desenvolvimento de um novo ciclo de expansão. Todavia, é preciso compatibilizar o ritmo de expansão da demanda interna com a capacidade de oferta de bens e serviços, a fim de evitar desequilíbrios importantes que podem trazer sérios riscos à sustentabilidade deste crescimento do PIB no médio prazo.

Índices de Inflação e Expectativas Futuras

Persiste o impacto dos preços dos alimentos nos índices ao consumidor, cuja desaceleração tem sido contida principalmente pelo comportamento deste grupo e dos serviços. O IPCA-15 de março mostrou recuo, mas segue bem acima do observado neste período em anos anteriores, evidenciando a piora da inflação agora em 2010.

Conforme esperado, muito lentamente a inflação dá sinais de desaceleração, movimento ainda contido pelas pressões provenientes dos alimentos.

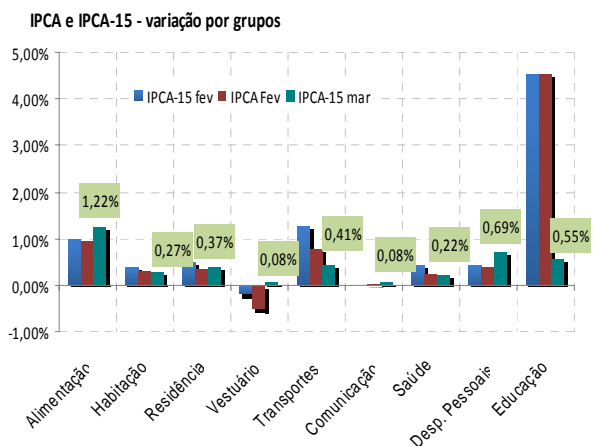
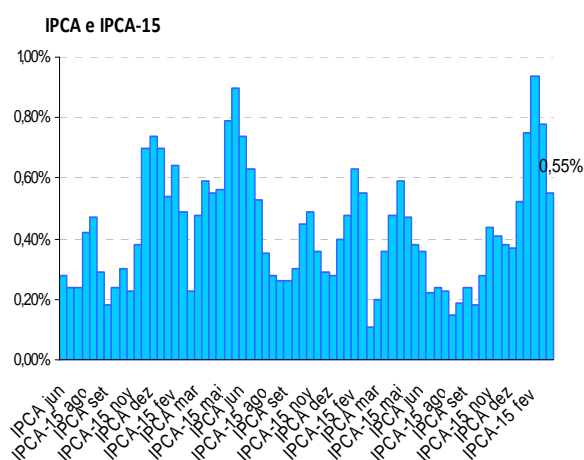
Data	Índice	Efetivo	Esperado	Anterior
23/mar	IPC-S 3° semana Março	0,87%		0,93% ▼
23/mar	IPCA-15 Março	0,55%	0,55%	↔ 0,94% ▼
25/mar	IPC-Fipe 3°quadri Março	0,44%	0,45%	▼ 0,51% ▼

O IPCA-15 registrou alta de 0,55% em março, abaixo do número de fevereiro (0,94%) e do fechamento do IPCA do último mês (0,78%). A menor variação em março já era aguardada, embora esteja acima do observado neste mesmo período nos anos anteriores (0,11% em 2009 e 0,23% em 2008). Apesar do forte choque dos preços dos alimentos, cujo grupo mostrou alta de 1,22% neste mês, a análise de outros componentes da inflação atual como núcleos e serviços, evidencia a piora da dinâmica inflacionária em relação aos últimos anos.

Os preços de serviços subiram 0,67% neste levantamento, enquanto os núcleos por expurgo, dupla ponderação e médias aparadas tiveram variações respectivas de 0,43%, 0,43% e 0,42%. Todos estes números, se anualizados, superam o centro da meta de inflação.

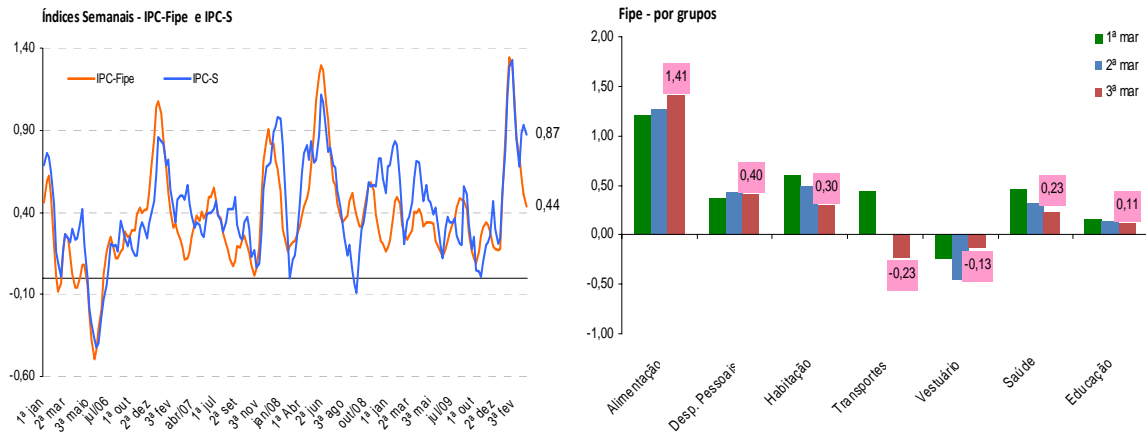
Além de alimentação, o grupo despesas pessoais também apresentou aceleração (0,69%), reflexo da maior alta dos serviços pessoais, como empregado doméstico, despachante, cartório e cabeleireiro. Ou seja, neste aspecto, a economia aquecida dá claros sinais de impacto.

Por outro lado, os grupos educação (fim do impacto das mensalidades escolares) e transportes (reversão da alta do álcool combustível), apresentaram alívio.



No acumulado de 12 meses, o IPCA-15 alcançou 5,09%, a variação mais intensa desde maio de 2009.

Entre os semanais, o movimento tem sido semelhante, embora bem contido no caso do IPC-S, cujo peso dos alimentos in-natura é mais acentuado. Ainda há muitas pressões envolvendo itens como tomate, leites, banana, feijão, açúcar e batata, embora em alguns destes casos com perspectiva de desaceleração nas próximas semanas.



Para abril, há dois novos fatores de risco de alta para os índices, que podem minimizar a tendência de desaceleração. Entre os IPCs, entrará em vigor a partir do dia 1 o reajuste médio de 4,6% nos preços dos medicamentos. Com potencial de fazer grandes estragos nos IGPs, a Vale pode aumentar em cerca de 100% os preços do minério de ferro em abril, o que geraria uma contribuição direta de 2% nestes índices, além de todos os efeitos em cadeia, nos preços do aço e de bens produzidos a partir deste insumo.

Expectativas Futuras: De acordo com o Boletim Focus divulgado nesta segunda-feira, a mediana das projeções para o IPCA de 2010 se elevou pela décima semana consecutiva, estando agora em 5,16%. Para 2011, após as altas recentes, se estabilizou em 4,70%.

Mediana - agregado	Expectativas de Mercado							
	2010				2011			
	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento semanal*	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento semanal*
IPCA (%)	4,91	5,10	5,16	▲ (10)	4,53	4,70	4,70	▬ (1)
IGP-DI (%)	5,70	6,74	6,82	▲ (11)	4,50	4,50	4,55	▲ (1)
IGP-M (%)	5,86	6,50	6,54	▲ (11)	4,50	4,52	4,52	▬ (1)
IPC-Fipe (%)	5,17	5,49	5,41	▼ (1)	4,50	4,50	4,50	▬ (10)

Ata do Copom confirma alta em abril, mas deixa dúvida da magnitude

A ata enfatizou que já existiam elementos suficientes para justificar a elevação da Selic em março, mas que a maioria entendeu aguardar até abril, quando a taxa deverá subir. Caso o cenário inflacionário siga em deterioração, o BC alertou que o ajuste poderá ser mais firme, embora acreditamos ser mais provável uma alta inicial de 50 pontos.

Como imaginado, o texto endureceu fortemente o discurso quanto aos riscos inflacionários e não deixou dúvidas de que em abril a Selic será elevada, diante da admissão da necessidade de se implementar um ajuste nos juros. Além disso, a inclusão de um parágrafo completamente novo no fim da ata adiciona incertezas sobre o ritmo do ciclo, que pode ser mais acelerado do que se previa até então.

A seguir, os parágrafos da ata que trouxeram as principais informações sobre as perspectivas para a sequência da política monetária:

26. À luz dessas considerações, **houve consenso entre os membros do Comitê quanto à necessidade de se implementar um ajuste na taxa básica de juros**, de forma a conter o descompasso entre o ritmo de expansão da demanda doméstica e a capacidade produtiva da economia, bem como para reforçar a ancoragem das expectativas de inflação.

(comentário: não há dúvidas entre os membros de que os juros precisam ser elevados)

27. Nessas circunstâncias, **a maioria dos membros do Copom**, tendo em vista as informações disponíveis neste momento, aliado ao fato de que já está em curso o processo de retirada dos estímulos introduzidos durante a crise, **entendeu ser mais prudente aguardar a evolução do cenário macroeconômico até a próxima reunião do Comitê, para então dar início ao ajuste da taxa básica**. Por outro lado, os demais membros do comitê entendendo que as projeções de inflação e o balanço de riscos considerado justificariam o início do ajuste já nesta reunião, votaram por uma elevação imediata de 0,50 p.p., na taxa de juros básica.

(comentário: este trecho justificou o porquê do aumento ter sido postergado, se referindo ao processo já iniciado de retirada dos estímulos; por outro lado, reforçou o início do ajuste para abril)

30. Note-se, adicionalmente, que **também houve consenso entre os membros do Comitê quanto à necessidade de se adequar o ritmo do ajuste da taxa básica de juros à evolução do cenário inflacionário prospectivo**, bem como ao correspondente balanço de riscos, de forma a limitar os impactos causados pelo comportamento da inflação corrente sobre a dinâmica subjacente dos preços.

(comentário: este é um parágrafo novo e bem interessante: quando ele fala em “adequar ritmo do ajuste à evolução do cenário, de forma a limitar impactos da inflação corrente”, sugere que o ajuste pode ser mais concentrado, de modo que os aumentos em cada reunião poderiam ser maiores do que o imaginado, talvez partindo para 75 pontos).

Em suma, a ata indica que, diante da “*robustez da demanda doméstica*” e do “*aumento dos riscos para a concretização de um cenário inflacionário benigno*” (par. 25), em contexto de “*acelerada redução da margem de ociosidade da utilização de fatores de produção*” (par. 22), “houve consenso entre os membros do Comitê quanto à necessidade de se implementar um ajuste na taxa básica de juros” (par. 26). Isto apenas não ocorreu porque a maioria dos membros preferiu aguardar a evolução do cenário até a próxima reunião de abril, onde será iniciado o ajuste da Selic.

Considerando os 3 votos favoráveis ao aumento de 50 pontos já em março, entendemos que este seria, de imediato, o cenário mais provável para a próxima decisão. Todavia, o parágrafo 30 alerta para a possibilidade de que, em caso de deterioração mais forte do balanço de riscos, o ritmo pode ser adequado às necessidades – em outras palavras, a alta pode ser ainda mais forte. Deste modo, acreditamos que, apesar deste movimento de 50 pontos ser mais provável, um ajuste de 75 pontos não está descartado neste momento, e dependeria da evolução da inflação corrente e das expectativas futuras, que têm subido

ultimamente. Outra possibilidade seria um ajuste inicial de 50 pontos, acelerando para 75 na reunião seguinte.

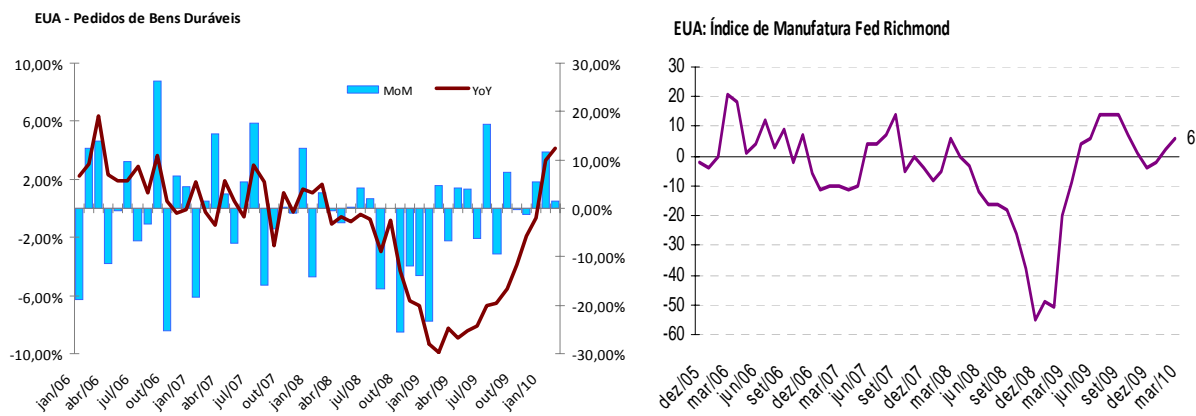
Independentemente do ritmo, mantemos nosso cenário de uma elevação total de 250 pontos na Selic ao longo deste ano, o que levaria a taxa a encerrar 2010 em 11,25%.

Economia Internacional

O crescimento dos pedidos de bens duráveis representou mais um indício da melhora da atividade industrial, embora o ritmo não seja vigoroso. Por outro lado, o setor imobiliário segue desalentador, com novo recuo das vendas de casas novas e usadas. No mercado de trabalho, os dados de março que saem nesta semana devem ser um pouco mais positivos.

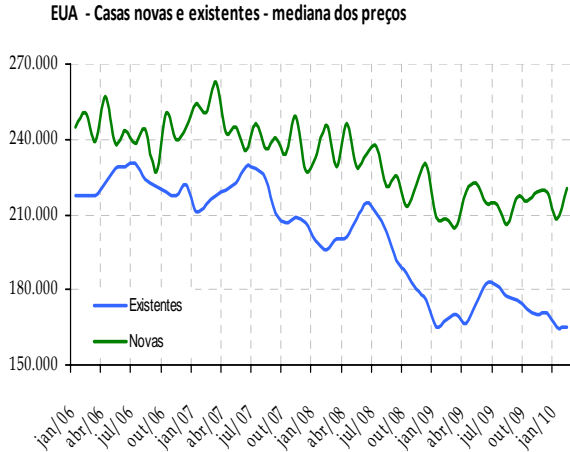
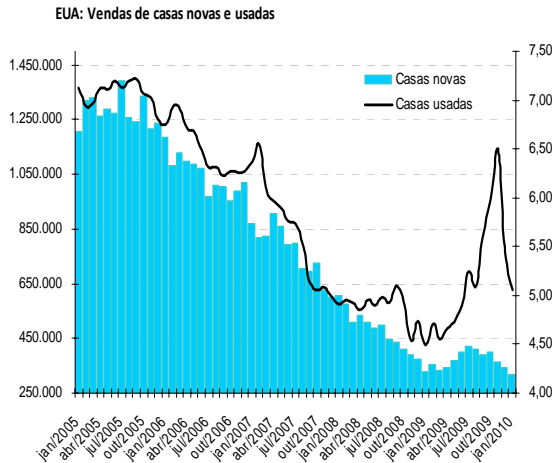
Estados Unidos: Sem grandes novidades, os indicadores continuam sinalizando moderada – ou modesta em alguns casos – recuperação da atividade no país, enquanto os números do setor imobiliário permanecem extremamente deprimidos.

Em fevereiro, os pedidos de bens duráveis cresceram na margem pelo terceiro mês consecutivo (0,50%), já apresentando uma variação mais expressiva na comparação com a frágil base de 2009 (12,5%). Os gastos com novos equipamentos estão retornando aos poucos, o que, somado às recomposições de estoques, tem permitido o melhor desempenho dos indicadores – especialmente do setor industrial.



Por outro lado, o mercado de imóveis segue agonizando, sem qualquer sinal mais sólido de reversão. Em fevereiro, as vendas de casas novas e existentes voltaram a recuar na margem (2,2% e 0,6% respectivamente), sendo que o número anualizado de vendas de imóveis novos atingiu o menor valor da série histórica, iniciada em 1963. Por alguns meses na segunda metade de 2009, o setor deu indícios de que poderia estar em recuperação, apoiado em políticas de incentivos tributários do governo para a aquisição do primeiro imóvel. Porém, desde novembro os números têm mostrado nova tendência de baixa.


















Os preços estão com comportamento controverso, com estabilização entre os usados e ligeira alta entre os novos – o que parece pouco lógico em um cenário de fraqueza deste mercado. De todo modo, a despeito de terem parado de ceder, os preços seguem próximos das mínimas registradas no período posterior ao estouro da bolha imobiliária a partir de 2007.



Para os próximos dias é grande a expectativa em torno dos números do mercado de trabalho referentes a março. Após um longo período de resultados negativos, os dados de março devem apontar um volume mais firme de contratações líquidas, estancando também o aumento da taxa de desemprego. Porém, persistirá a percepção de que a recuperação é, no máximo, moderada, diante da ausência de fatores de impulso capazes de gerar um aquecimento mais consistente da atividade.

Além dos dados do payroll que saem na sexta, a semana também apresenta importantes indicadores de atividade, como o ISM da indústria, vendas de veículos, gastos com construção e confiança do consumidor. Como sempre, os mercados irão acompanhar atentamente os números, a fim de atualizar os cenários sobre as perspectivas para a economia norte-americana nos próximos trimestres.

Calendário Econômico: Semana de 29 de Março a 02 de Abril 2010

			Expectativa	Anterior	Atual
Segunda Feira (29 de Março)		BRA: Boletim Focus (8:30)			
		EUA: PCE Core M/M - Fevereiro (9:30) EUA: PCE Core Y/Y - Fevereiro (9:30)	0,1% 1,3%	0,0% 1,4%	
		UE: Confiança do Consumidor - Março F (6:00) UE: Confiança Econômica - Março (6:00)	-17 97,1	-17 95,9	-17 97,7
		JPN: Produção Industrial M/M - Fevereiro P	-0,5%	2,7%	
Terça Feira (30 de Março)		BRA: IGP-M M/M - Março (8:00) BRA: IGP-M Y/Y - Março (8:00)	0,93% 1,94%	1,18% 0,24%	
<i>Relatório Trimestral de Inflação (8:30)</i>		EUA: Preços de Casas S&P Case Shiller Y/Y - Janeiro (10:00) EUA: Confiança do Consumidor - Março (11:00)	-0,6% 50,0	-3,1% 46	
		GBR: PIB Q/Q 4T F (5:30)	0,3%	0,3%	
Quarta Feira (31 de Março)		BRA: Fluxo Cambial BC (12:30) BRA: Superávit Primário Consolidado - Fevereiro (10:30) BRA: Relação Dívida/PIB - Fevereiro (10:30)		\$ 16,2 B 41,7%	
		EUA: MBA-Solicitações de Empréstimo Hipotecários (8:00) EUA: ADP Variação de Empregos - Março (9:15) EUA: Índice de Gerentes de Chicago - Março (10:45) EUA: Pedidos de Fábrica - Fevereiro (11:00)	40 K 61,0 0,5%	-4,2% -20 K 62,6 1,7%	
		EUA: Estoque de Petróleo DOE (11:30) EUA: Estoque de Gasolina DOE (11:30)		7245 K -2715 K	
		UE: Taxa de Desemprego - Fevereiro (6:00)	10,0%	9,9%	
		JPN: Índice Tankan Principais Indústrias - 1Q	-14	-24	
		CHN: PMI Manufatura - Janeiro (22:00)	55	52,0	
Quinta Feira (01 de Abril)		BRA: Produção Industrial YoY - Fevereiro (9:00) BRA: Produção Industrial MoM - Fevereiro (9:00) BRA: Balança Comercial Mensal (11:00)	17,9% 0,9%	16,0% 1,1% \$ 394M	
		EUA: Novos pedidos seguro-desemprego (9:30) EUA: Índice ISM Industrial - Março (11:00) EUA: Índice ISM Preços Pagos - Março (11:00) EUA: Gastos com Construção M/M - Fevereiro (11:00) EUA: Vendas Internas de Veículos - Março (18:00)	440 K 57 67 -1,0% 9,00 M	442 K 56,5 67 -0,6% 7,91 M	
		UE: PMI Manufatura - Março F (5:00)	56,3	56,3	
		GBR: PMI Manufatura - Março (5:30)	56,8	56,6	
Sexta Feira (02 de Abril)		EUA: Payroll Variação de Empregos - Março (9:30) EUA: Média de Ganhos/Hora M/M - Março (9:30) EUA: Taxa de Desemprego - Março (9:30)	190 K 0,2% 9,7%	-36 M 0,1% 9,7%	
<i>Feriado BRA/EUA: Mercados Fechados</i>					

Índices de inflação (%)

	Fevereiro			Março	
	1p	2p	Fech	1p	2p
IGP-M	0,98	1,10	1,18	0,95	0,91
IPC-M	0,75	0,80	0,88	0,43	0,64
IPA-M	1,16	1,34	1,42	1,22	1,10

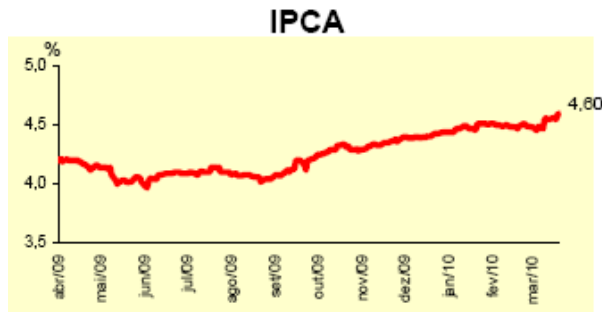
Mensais	Janeiro	Fevereiro	Março
IPCA-15	0,52	0,94	0,55
IPCA	0,75	0,78	

Semanais	Mar 1	Mar 2	Mar 3
IPC-S	0,88	0,93	0,87
Fipe	0,61	0,51	0,44

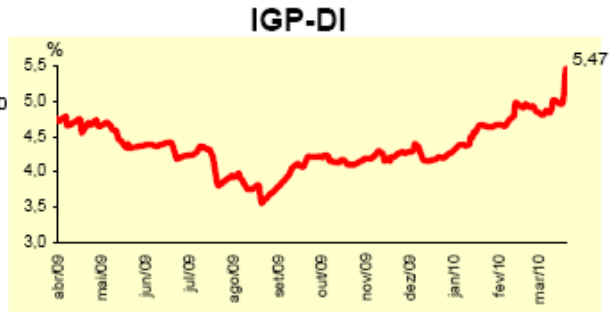
Anexos

Boletim Focus – Expectativas do Mercado em 26/março

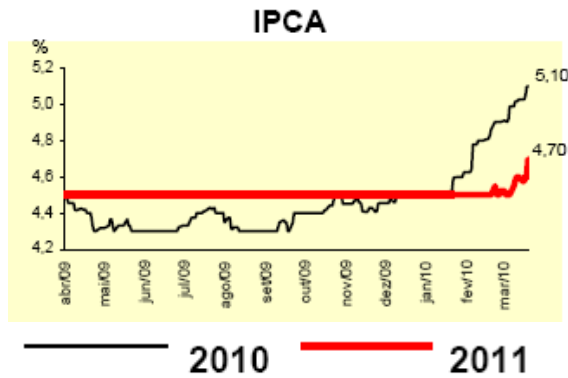
IPCA – próximos 12 meses



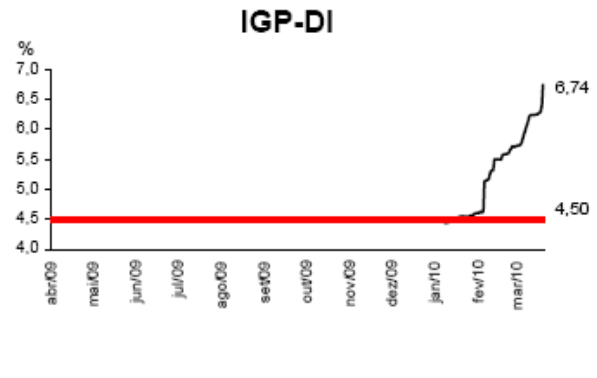
IGP-DI – próximos 12 meses



IPCA – acumulado 2010 e 2011



IGP-DI – acumulado 2010 e 2011



Taxas de Câmbio

Taxas de Câmbio - Dólar, Euro e Yen



Taxa de Câmbio - R\$ x US\$



Este é um boletim de elaboração do Departamento Econômico do Banco Schahin, cujo objetivo é apenas informativo. O Banco Schahin não assume qualquer responsabilidade por decisões de investimento tomadas com base neste relatório.

Principais Variáveis Econômicas

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Atividade Econômica								(P)
PIB (US\$ Bilhões)	553,7	664,9	882,4	1088,9	1333,8	1573,3	1579,4	1928,5
PIB (R\$ Bilhões)	1699,9	1941,4	2147,3	2369,8	2661,3	3004,8	3143,0	3432,7
Crescimento Anual do PIB (Real)								
Total	1,10%	5,70%	2,90%	3,80%	5,40%	5,10%	-0,20%	5,20%
Agropecuária	5,80%	2,30%	1,00%	4,20%	5,30%	5,80%	-5,20%	4,30%
Indústria	1,30%	7,90%	2,10%	2,90%	4,90%	4,30%	-5,50%	6,40%
Serviços	0,80%	5,00%	3,40%	3,80%	4,70%	4,80%	2,60%	4,60%
Inflação								
IPCA (IBGE)	9,30%	7,60%	5,65%	3,14%	4,46%	5,90%	4,31%	4,90%
IGP-M (FGV)	8,70%	12,42%	1,21%	3,83%	7,75%	9,81%	-1,72%	5,50%
IPC-Fipe	8,17%	6,56%	4,53%	2,40%	4,38%	6,24%	3,65%	5,10%
Setor Externo								
Exportações (US\$ Bilhões)	73,1	96,47	118,3	137,4	160,6	197,9	152,9	175,0
Importações (US\$ Bilhões)	48,3	62,78	73,5	91,4	120,6	173,2	127,6	164,0
Saldo Comercial (US\$ Bilhões)	24,8	33,7	44,8	46,07	40,04	24,7	25,3	11,0
Transações Correntes (US\$ Bilhões)	4,11	11,64	14,2	13,5	3,5	-28,3	-24,1	-49,1
Transações Correntes (% do PIB)	0,74	1,75	1,58	1,26	0,26	-1,78	-1,6	-2,6
Inv. Direto Estrangeiro (US\$ Bi)	10,1	18,16	15,2	18,7	34,6	45	25,9	37
Res. Internacionais Liq. (US\$ Bi)	20,52	27,54	53,8	85,6	180,3	207	239	250
Cotação Dólar Comercial (final per.)	2,88	2,65	2,33	2,13	1,78	2,31	1,75	1,80
Dólar Comercial Médio	3,07	2,92	2,4	2,18	1,95	1,83	1,99	1,78
Desvalorização Nominal	-18,20%	-7,98%	-12,07%	-8,59%	-16,43%	29,80%	-24,2%	2,9%
Setor Público								
Déficit nominal (% do PIB)	4,60%	2,40%	3,00%	3,00%	2,27%	1,50%	3,34%	2,2%
Resultado Primário (% do PIB)	3,89%	4,18%	4,35%	3,88%	3,98%	4,10%	2,06%	3,00%
DLSP (% do PIB)	52,4	47,0	46,4	44,9	42,8	36,0	42,9	41,7

(P) = Projeção Banco Schahin

Departamento Econômico – Banco Schahin S.A. 11- 5576-8505

Silvio Campos Neto

Economista-chefe

sneto@bancoschahin.com.br

Washington Amaral e Silva

Banco de Dados Econômicos

wasilva@bancoschahin.com.br